A night cityscape with a full moon and a tall tower with purple lights.

Bobagens
imperdíveis
para
atravessar
o isolamento

Aline Valek

edições de apoiadoz

Bobagens
imperdíveis
para
atravessar
o isolamento

• crônicas fantásticas •

Aline Valek

Bobagens Imperdíveis para atravessar o isolamento

© Aline Valek 2020

Capa

Aline Valek

Fotografia da capa

Marcos Felipe

Edição da autora

ISBN: 978-65-991012-0-5

Este livro é uma publicação independente. Sua existência é a materialização do apoio de centenas de pessoas amigas e leitoras, que de diversas formas contribuem para que eu continue a escrever e publicar minhas palavras doidas. A você que acompanha meu trabalho e incentiva a produção independente de literatura nacional, meu muito obrigada. Você é incrível, beibe.

Visite meu planeta:

alinea.com.br

Leitura é antídoto

uma introdução

No momento em que escrevo, boa parte do mundo está em quarentena. Menos os manifestantes contra o isolamento social. Esses juram que o vírus é parte de uma conspiração comunista e que burrice é a chave para a imunidade.

O isolamento tem sido uma ferramenta para combater a pandemia que ameaça a humanidade (as baleias, abacateiros e pernilongos já mandaram avisar que estão fora de perigo). Difícil saber até quando essa situação irá durar. Mesmo quando acabar, arrisco dizer que essa experiência deixará uma marca em cada um de nós. Pessoalmente, tento imaginar se um dia poderei provar os drinks dos amigos sem o medo de encostar a boca num copo potencialmente contaminado.

Isolamento não é uma novidade, no entanto. Solidão faz parte da experiência humana. É uma velha conhecida minha, trocamos altas ideias. É o que me faz escrever. Escrita é minha ferramenta de atravessar o isolamento, de buscar uma conexão com o outro. Leitura é antídoto contra a solidão.

O livro que você tem em mãos é minha forma de te oferecer esse pequeno antídoto, para ser usado nos mais variados momentos de isolamento: seja no meio de uma grande pandemia, ou dentro de uma estação espacial; numa caverna no Himalaia; no Natal quando sua família viajar e te esquecer em casa; numa gaiola gigante, ou mesmo na solidão de um fim de semana quando seu *crush* te der um bolo.

Nas páginas a seguir apresento uma seleção de alguns dos meus textos, publicados entre 2014 e 2017, tanto nas newsletters quanto nas zines *Bobagens Imperdíveis*. São textos que vieram de outros momentos e que

entendi que se conectavam com o agora. São textos pertencentes a uma dimensão onde realidade e ficção não competem, mas se misturam. Sim, a dimensão da minha cabeça. Convido você a entrar nesse espaço, para nos fazermos companhia. Entre, fique à vontade, venha ver as reflexões, ideias e histórias que ocupam as paredes da minha mente. É muito bom receber a sua visita, ainda que você não precise sair de casa para isso.

Beijos à distância,

Aline Valek

São Paulo, abril de 2020.

Teletransporte

- [▶▶ Volta em Saturno](#)
- [▶▶ Enquanto a Terra gira](#)
- [▶▶ Tela preta](#)
- [▶▶ Cabeças mudam](#)
- [▶▶ Quanto tempo leva para criar barbatanas](#)
- [▶▶ Inverno pessoal](#)
- [▶▶ A Terra é plana](#)
- [▶▶ Uma conversa sobre ciência](#)
- [▶▶ Signo do ácaro](#)
- [▶▶ Chupa-sonhos](#)
- [▶▶ A jornada diária é invisível](#)
- [▶▶ Você é o que você repete](#)
- [▶▶ Jornadas](#)
- [▶▶ Sobre a autora](#)
- [▶▶ Sobre Bobagens Imperdíveis](#)
- [▶▶ Outras obras da autora](#)

Volta em Saturno

Antes de olhar por um telescópio pela primeira vez, eu não conseguia conceber como alguém podia ter pisado naquele pontinho luminoso que chamavam de lua. Pequena demais. Muito distante. Duvido que coubesse alguém ali, eu pensava quando criança. Tão absurdo quanto imaginar pessoas pousando nas lâmpadas dos postes.

O vizinho montou o telescópio no alto da laje. Aquele objeto me parecia alienígena: uma lente cilíndrica, comprida, apoiada num tripé, apontada para as estrelas.

A noite era de lua cheia. O céu sem nuvens favorecia a observação.

Meu vizinho mirou, apontou e olhou pelo visor. “Espia, espia”, ele riu e me chamou com os dedos. “Põe o olho aqui”, ele disse. Parecia uma fechadura indiscreta para espiar as estrelas em seus quartos de dormir.

Foi um susto, quase pulei para trás. A lua estava gigante, monstruosa. De tamanho o suficiente para nos devorar. Não pode ser, e tirei depressa o olho do visor. Queria me certificar que a lua não tivesse de

repente inflado no céu. Que assustador vê-la tão grande.

Essa lembrança me faz sorrir, um pouco pela inocência da época. Ou talvez seja a pura saudade de casa. No céu a que tenho acesso agora, não vejo aquela lua. Ela está longe demais. Além disso, a lua mais próxima está exatamente abaixo dos meus pés.

É a paisagem de Titã que observo todos os dias pela minha janela, quando acordo para ir trabalhar. Do super-telescópio da Estação, o que vejo são as nuvens de Saturno, movendo-se cremosas lá embaixo. Parecem sorvete misturado ao café.

Quanto mais longe consigo chegar, mais me volto às minhas origens. Saudosismo cafona, eu sei. Mas não consigo evitar, é a idade.

Lembrar é exercício de voltar no tempo. Então lembro que vim de uma cidade pequena, isolada, horizontal. As pessoas que viviam ali eram mão-de-obra na cidade grande, voltavam só para dormir. A cidade tinha igrejas, bares e padarias quase na mesma proporção. Não havia muito entretenimento, fora ir beber à noite na praça.

Eu quero ir embora dessa prisão! — dava vontade de gritar. Difícil ser jovem ali. Às vezes eu não aguentava de tédio.

O colégio onde estudei é cenário de boa parte das memórias dessa época. Desde as paredes pichadas e cheias de buracos até os biscoitos de água e sal servidos no lanche, tudo parecia atravessado por uma névoa invisível, aquela que nos condenava a não ter um futuro.

Havia um ditado que usavam para zoar quem estudava ali: “entra burro, sai pior”. E acreditávamos. Parecia fazer tanto sentido quanto “em briga de marido e mulher não se mete a colher”, o tipo de frase que tentava traduzir a irreversibilidade das tragédias. Coisas ruins aconteciam, só nos restava aceitar.

Tive uma amiga com a qual eu me identificava muito. Uma revoltada, como eu. Joyce era uma jovem artista. Estava tentando montar um ateliê de pintura na escola, um espaço para os alunos aprenderem com o processo uns do outros. Depois de muito conversar com professores e coordenadores, Joyce conseguiu uma autorização para ocupar uma sala vazia.

Um dia, ela me convidou para conhecer o espaço. Joyce já tinha me falado dele, de como as paredes eram forradas de pinturas. Um cenário que

não existia no mundo que eu conhecia, como se a sala pudesse ser um portal para outro planeta.

Quando ela destrancou a porta, no entanto, o que eu vi foi outra coisa. Cadeiras e mesas derrubadas, tintas espalhadas, algumas pinturas rasgadas e picotadas no chão, outras ainda coladas na parede, mas cobertas de pichação. Recolhi do chão o pedaço de uma pintura: o que levava alguém a destruir um desenho? O que explicava isso, além de maldade gratuita?

Joyce não pareceu tão chocada quanto eu. Ela apenas levantava as cadeiras e abria caminho para recolher a sujeira que deixaram nos fundos da sala. Fiquei ali perdida no meio de papel rasgado.

“Você não está chateada?”, perguntei.

“Ah, estou. Mas já é a terceira vez que isso acontece. Inútil ficar brava.”

Outros alunos, uns desocupados, ela contou, acharam que era uma boa ideia arrombar a janela, levar o que pudessem e destruir todo o resto. Por diversão. Pela zoeira. Nunca daria para saber quem eram aqueles *trolls* anônimos. O máximo que ela pôde fazer foi comprar novos cadeados e pedir para o zelador da escola consertar o trinco da janela —

apenas para que mais tarde fosse arrombada de novo. E de novo.

Ficamos em silêncio enquanto juntávamos, em um saco grande, todas as pinturas destruídas.

“O que você vai fazer agora?”

“Ué”, ela disse como se fosse óbvio. “Começar de novo.”

Isso me fez perceber que quem se esforçava à toa eram os invasores. Eles podiam arrancar as pinturas quantas vezes quisessem, mas não conseguiram arrancar o talento de Joyce, a capacidade de fazer mais. Ela continuaria. Joyce ainda poderia pintar o que quisesse, mas os destruidores tinham o quê? Terminamos de limpar a sala e não restou uma pintura pendurada, mas compreendi que quem não tinha nada eram eles.

A teimosia era nossa única arma de sobrevivência. Foi a isso que decidi me agarrar até o fim.



Aqui em Titã, nossa noção de tempo muda um pouco. Há outra contagem, outras medidas, mas

tentamos manter comparativo com as medidas terrestres. Para termos um ponto de referência. Para nos lembrarmos de onde viemos.

Também fica mais fácil para fazer as contas.

Levei sete anos terrestres para sair do que chamava de casa e chegar na Estação. Um tempo longo para uma viagem, mas bem preenchido com muito trabalho e pesquisa. Também um período de se preparar para o trabalho que cada um faria ao chegar aqui.

Titã leva dezesseis dias terrestres para fazer a volta em Saturno. Muito rápido, se considerarmos como o planeta é gigante. Saturno, por outro lado, leva vinte e nove anos terrestres para fazer a volta ao redor do Sol. Um gigante de passos lentos. Até seu tempo tem dimensões exageradas.

Tempo. Foi daí que veio o nome do planeta: do titã romano equivalente a Cronos, o senhor do tempo na mitologia grega. Saturno, para os romanos, tinha relação com a agricultura. Faz sentido: os antigos baseavam o tempo em plantar e colher. As estações, as colheitas, os ciclos. Tudo começa e termina. A grande dúvida é sobre o que acontece nesse meio — e quão longe do ponto de origem podemos chegar.

Quando olhei para o céu de uma cidadezinha que agora ficou pra trás, sequer passava pela minha cabeça a possibilidade de que um dia eu chegaria ao planeta rodeado de anéis que vi através de um telescópio amador. Pude ver Saturno direitinho, não com tantos detalhes quanto vejo hoje, claro, mas mesmo assim foi impressionante. Para continuar visível apesar de toda aquela distância, Saturno devia ser gigantesco, de uma forma que eu sequer era capaz de imaginar.

Saturno é tão imenso que, mesmo antes dos telescópios, era possível encontrá-lo no céu. Claro que a olho nu os detalhes e os anéis não eram visíveis, e ele pouco se diferenciava de qualquer estrela muito brilhante, mas observadores treinados conseguiam identificá-lo com facilidade. Os antigos faziam isso.

“Saturno, por muito tempo, foi considerado o último planeta do sistema solar”, uma professora certa vez explicou, quando o colégio nos levou para visitar o Planetário na capital. “Isso porque era o último planeta que as pessoas conseguiam enxergar até aquela época. Saturno era entendido como o limite do mundo conhecido. Não se acreditava que houvesse nada depois dele. O que acabou se

mostrando um grande engano, quando Urano foi descoberto em 1781.”

Aprender essas coisas sobre o Universo foi o que encolheu a cidade de onde vim, embora ela representasse, para muita gente, todo o Universo conhecido.

A maior preocupação dos meus colegas era terminar logo o colégio, mas ninguém sabia exatamente o que fazer depois. Eu também não. Eu só sabia que queria sair dali. A cidade parecia me dizer “você nunca vai sair daqui” cada vez que eu olhava ao meu redor. Uma amiga conseguiu um emprego de caixa em uma lanchonete *fast food* na cidade grande, e lembro de ter sentido inveja. Ela podia sair daquela cidade! Mas todos os que trabalhavam fora, voltavam no fim do dia. O retorno era uma certeza.

Por isso eu tentava não criar muitas expectativas. Dirigir meu próprio carro, comprar uma casa, estudar fora; parecia inútil alimentar esse tipo de ideia. Eu tinha um único sonho de consumo. Só um: conseguir grana para ter meu próprio telescópio. Se eu tivesse isso, poderia me considerar bem-sucedida.

“Nádia, você tem que estudar”, meu pai me dizia, sempre no imperativo.

“Nádia, ler é importante”, minha mãe dizia.

Essas cobranças não me aborreciam. Eu gostava de ler e estudar, talvez até mais do que o considerado adequado para uma adolescente que quisesse ser vista como “legal”.

Naturalmente, estudar era importante se eu quisesse arrumar um bom trabalho. Mas aquela perspectiva me parecia tão distante quanto a lua; assim que terminei o colégio, comecei a distribuir currículos, mas eu não parecia boa o suficiente nem para trabalhar na papelaria da esquina.

Recebi a notícia que uma grande loja de material de construção abriria na cidade vizinha. Significava que estavam contratando. Meti meu currículo franzino dentro de uma pasta e fui, planejando conquistar os entrevistadores com meu entusiasmo. Peguei ônibus bem cedo, cheguei no lugar e toda aquela animação murchou. A fila de candidatos dobrava a esquina. Fiquei de olho no pessoal que estava na minha frente: eram mais velhos, mais experientes, os currículos tinham mais linhas escritas. Eu não teria a menor chance.

Enquanto isso, o vestibular. Não havia faculdade na cidade, então eu sabia o quanto seria difícil competir com quem tinha estudado na capital. “Entra burro, sai pior”, as vozes imaginárias ecoavam. Talvez estivessem certos: fui um desastre nas provas. Minhas notas não chegavam nem perto da média, embora na escola eu tirasse as melhores notas com tranquilidade.

Disseram “não” tantas vezes em entrevistas de emprego que nem me lembro mais. Fiz mais provas do que consigo contar. Nem trabalho nem faculdade me aceitavam. “Desista, não há nada para você aqui”, as portas fechadas me diziam. Mas eu continuava. Rasgavam minhas chances em mil pedacinhos, mas no outro dia eu começava tudo de novo, feito a Joyce.

“Seu lugar não é aqui”, mas eu teimava.

Acho engraçado hoje eu trabalhar com ferramentas, sondas e equipamentos tão avançados: o primeiro emprego que consegui foi como assistente numa loja de manutenção de equipamentos eletrônicos.

O ponto de origem às vezes parece uma barreira, uma limitação que nos impede de sair do lugar. Precisei de muitos anos para descobrir que

tudo o que faço hoje já estava na minha jornada o tempo inteiro; aquela situação não foi uma barreira. Foi um degrau.



Um colega que trabalha comigo na Estação tem uma hipótese.

“Somos feitos para nos desenvolver num lugar diferente daquele onde nascemos. É o impulso da nossa espécie em expandir, sabe? Ir um passo além daqueles que vieram antes de nós. Como o filho que sai da casa dos pais e vai morar em outra cidade.”

“Ou a galera que sai da Terra para estudar outros planetas”, observei.

“Ou isso. Porque quando alguém sai do seu lugar de origem e se desenvolve em outro lugar, o que acontece é que a pessoa consegue dar continuidade a uma história. Não só a própria história, mas a das pessoas da sua comunidade. É uma questão de evolução. A gente é levado a se mover sempre para frente, cada vez mais adiante, mesmo que não saibamos para onde.”

Imagino que ele diz isso porque tem saudades de casa. Aqui, todos temos. Cada um arranja sua maneira de se encorajar e seguir adiante, apesar de todos que deixamos para trás.

Apesar dessa urgência que existe em nós para seguir adiante, sair da casa dos pais, da cidade natal, do país de origem, parece existir uma força nos puxando para trás; ou nos impedindo de avançar ou nos persuadindo a voltar algumas casas no tabuleiro da vida. “Você nunca vai sair desse lugar”.

Quando decidi que queria ser cientista, não sabia o que significava me tornar astrônoma, mas sabia que queria estudar as estrelas e planetas. Essa vontade veio quando finalmente consegui comprar meu primeiro telescópio. Eu olhava através daquelas lentes e via bem mais que os corpos celestes que fui aprendendo a identificar e localizar; ali eu via uma perspectiva para mim mesma.

“Nádia, é muito difícil ganhar dinheiro nessa carreira”, me disseram.

“Astro o quê? Não conheço ninguém que faz isso”, também ouvi.

“Se eu fosse você, tentava passar em concurso público.”

“Essa é uma carreira masculina, acho que você não vai aguentar, hein.”

“Só quem nasce em família com dinheiro é que consegue.”

“Mulher não é muito boa nesse negócio de ciência.”

“Tá, mas qual a utilidade de ficar olhando para o céu?”

E assim por diante. Tudo ao meu redor me dizia para eu escolher outra coisa, arrumar um emprego de verdade. Afinal, eu precisava de um bom emprego para sobreviver, certo? Mas a teimosia, de novo, falou mais alto. Porque eu não queria só sobreviver. Eu queria prevalecer.



Cai uma chuva fina sobre Titã, deixando o horizonte turvo, enevoadado. Na maioria dos dias, a paisagem por aqui é o que chamariam na minha cidade de “tempo feio”, mas não consigo ver monotonia alguma nesse cenário.

Esta lua é um lugar incrível e cheio de possibilidades. Já é espantoso que Titã seja um

satélite e possua uma atmosfera, coisa que no nosso sistema solar só os planetas Marte, Terra e Vênus possuem. Além disso, Titã também possui substância em forma líquida, embora não seja a nossa tão preciosa água. Já descobrimos formas de vida bastante primitivas boiando nesse caldo de metano presente em Titã. Olhar para esse ambiente e se aventurar do lado de fora — com os devidos trajes de exploração, claro — é olhar para como a Terra pode ter sido em um passado muito remoto, apenas numa versão mais fria.

Não é engraçado ter que ir tão longe para conseguir ver o passado? Meu trabalho com radiação cósmica de fundo, o que me trouxe a esta missão, é quase como fazer escavações à procura de fósseis; mas, em vez de poeira, o que escavo é a luz. Em meio a essas partículas, há vestígios do jovem Universo que explodiu há muito tempo e continua se expandido. São lembranças da infância do Universo, espalhadas por todo canto.

Meu trabalho e minha vida se misturam da mesma forma. Os vestígios das minhas origens também flutuam ao meu redor. Ao olhar para essas peças do meu passado, difícil entender como

cheguei tão longe. Talvez eu apenas tenha seguido a tendência natural de Universo de se expandir.

Em breve, termino mais um ciclo. Minha residência em Titã chegará ao fim e deixarei esta Estação para continuar o trabalho em outro lugar. Ainda não sei onde, não fui designada oficialmente. Estou na mesma posição da garota que fui, sem saber o que poderia acontecer. Que bom. Se tivessem dado alguns *spoilers*, dizendo a ela que em alguns anos ela chegaria longe, que tudo ficaria bem, talvez ela não tivesse desenvolvido a teimosia necessária para construir esse futuro.

Daqui, a Terra é um ponto luminoso minúsculo. Quase não é visível, mas sei que em algum lugar naquela direção está minha casa. Tenho curiosidade para saber como estão hoje as pessoas que fizeram parte do meu passado. Será que Joyce continua pintando? Será que meus amigos do colégio terminaram a faculdade? No que trabalham? Passaram em algum concurso público? Será que já tiveram filhos? Onde moram hoje? Será que algum deles já morreu? Será que meus professores daquela época continuam dando aulas? Será que eles se lembram de mim?

É provável que eu nunca mais veja a maioria deles e que eles continuem a existir apenas como parte de minhas memórias. Como personagens estáticos no tempo, ancorados em um passado de dificuldades e limitações, eles permitem que eu meça a distância que percorri na escala da vida a partir daquela origem. São meu ponto de referência.

Em algum momento, chegaram a acreditar que Saturno era o limite. Que depois do planeta dos anéis não havia nada para se ver nem para se alcançar. Assim como me disseram que, vindo de onde vim, terminar o colégio era o limite; ou arrumar um emprego era o limite; sair da casa dos pais para morar em um apartamento menor do que quarto de hotel era o limite; a cidade grande era o limite. Mas nunca era.

Hoje já tenho conhecimento para dizer que há outros planetas depois de Saturno. Possuir o conhecimento da vastidão de possibilidades que existem no Universo já é o suficiente para me tornar uma Nádía completamente diferente.

Voltar não me apavora mais. Principalmente porque sei que não é minha única opção: daqui de Saturno até a vista se expande. Daqui dá para ver

melhor que há muito espaço pela frente. E é para lá
que eu vou.

[agosto de 2015]

Enquanto a Terra gira

Acordo. O celular. As notícias do dia. O que aconteceu enquanto eu dormia. Quem falou o quê com quem. Quem foi preso? Quem morreu? É hoje que o Brasil acaba? O mundo continua de pé? Será que aquele youtuber postou vídeo novo no canal? Importante saber!

Nenhuma distopia me preparou para o fato de que viver em uma significaria lutar para me manter informada. Fui enganada. Eu esperava ter que usar uma katana, arco e flecha, ou ao menos minha furtividade para saquear um supermercado e me abastecer com enlatados enquanto o apocalipse come solto lá fora.

Em vez disso, a internet. É a arma que me coube para sobreviver, mas a sensação é oposta: tenho estado faminta. Não sei se a internet tem me ajudado a me manter informada ou se a tela estreitou meus olhos, enquanto perco de vista um mundo enorme que não cabe mais no meu campo de visão.

Vai ver eu que não sei usar isso aqui. Como eu fazia para encontrar coisas interessantes antes das timelines de rolagem infinita? Estou velha. Cansada. Com medo. O carrossel das redes passa rápido demais e, droga, vou ter que esperar o próximo meme para eu conseguir embarcar.

Um ministro bocoió posta um absurdo no Twitter e consegue pautar todo mundo que sigo, por um dia inteiro. O tuíte é mais que chacota; é grave, é sério, pois se trata de um ministro, pois parte de políticas que afetam nossa realidade, afetam vidas. Já não basta o desastre de incompetência, violência e impunidade que está sendo o atual governo, querem também me pautar? Dizer com o que vou ficar indignada numa tarde de sábado? Direcionar qual vai ser o tom e o conteúdo daquilo que escrevo, daquilo que penso? Aí é demais! Sem direitos sim, mas maluco dançando no meu palco não.

Desorientada. Com raiva. Cansada. É assim que estar informada ultimamente me faz sentir. E eu não sei do quê isso me serve. Se eu pudesse pagar minhas contas com raiva, meu 2019 tava pago. A realidade é que ainda preciso vender livros pra viver e se eu não tiver um *cadim* de esperança, lascou, porque o que mais se precisa para continuar a

escrever é ter esperança de que um dia todo esse esforço desgraçado com trabalho independente vai dar em algum lugar que não o Alcoolicos Anônimos.

Esperança, ilusão, chame como quiser.

Algo nesse sentido começa a nascer em mim quando eu percebo que o Twitter não é a vida real. Que o Brasil não cabe nos *trending topics* nem se resume ao nível deprimente das pessoas que hoje ocupam o governo. Que as pessoas mais interessantes e inspiradoras não são as mais seguidas do Instagram. Que há muita gente fazendo coisas incríveis, nem que seja arrumar um jeito de colocar comida na mesa, e que continuam a carregar esse país nas costas apesar de não virarem notícia, apesar de seus nomes permanecerem desconhecidos.

Há esperança quando me vejo como parte de um povo que trava pequenas batalhas cotidianas e dá um jeito, como a mulher que outro dia cruzou comigo na Teodoro Sampaio, arrastando o pé direito na saída do metrô porque a sandália arrebentou. Será que conseguiu chegar ao trabalho? Consertou a sandália? Arrumou outra? Como fez para voltar para casa aquele dia? Eu não sei! Não há uma *thread* no Twitter que me conte qual foi o destino dessa

mulher. Mas ela existe, ela está em algum lugar agora, e não foi a internet que me mostrou.

Esse é sim um mundo de incontáveis tragédias, algumas próximas demais para conseguirmos ignorar; mas é um mundo enorme, com espaço também para o incrível e para a esperança, que geralmente moram no banal e no cotidiano, em coisas pequenas que não rendem cliques ou RTs.

A Terra continua a girar mesmo que não seja um dos assuntos mais comentados do momento. Pessoas continuam a fazer coisas incríveis, ainda que não estejam no centro das atenções. Não posso deixar a internet me fazer acreditar que acabou a esperança. Basta olhar para fora. E saber que a esperança existe quando escolho para onde quero olhar.

[abril de 2019]

Tela preta

Surgi tarde, mas a tempo do horário nobre. Diziam que o rádio morreu no meu parto, mas quem de fato matei foi a fogueira. Você passou a sentar ao meu redor, depois de um dia inglório, e agora suas histórias fantásticas saíam de mim.

Você precisava imaginar as cores, no início. O cowboy usa camisa amarela. A madame é loira e seu vestido, vermelho. Os bichos dos desenhos, que caem de penhascos de onde se vê o azul do céu, são todos pretos, não há dúvidas. O que você via não passava de tons de cinza; a mesma percepção de cores de recém-nascidos e planárias, capazes apenas de distinguir entre claros e escuros.

Depois te liberei do esforço de imaginar. Passei a mostrar as cores, efeitos especiais, maravilhas que só poderiam existir no mundo da edição. Um mundo onde todos falam bem e seguram microfones como fosse natural, onde nunca há silêncio, onde uma garrafa de Coca-Cola pode salvar a sua vida.

Eu estava lá de manhã, vestido de Bob Esponja, para as crianças. De tarde, eu te contava as fofocas. À noite, quando você chegava do trabalho e queria

saber o que havia acontecido no mundo, lá estava eu engravatado, cheio de gráficos, com correspondentes em Londres. Sábado eu cantava. Ligue e ganhe prêmios. Os domingos eram sempre em minha companhia, com direito a muitas gincanas, mulheres seminuas, filmes para toda a família. Um cassino ao alcance do controle remoto.

Preenchi cada espaço do seu mundo. Minha presença sempre foi sua certeza. Mesmo que você não me ouça, prefere me deixar falar, para não se sentir tão só. Mesmo que eu não tenha nada novo para mostrar, ofereço reprises. Mesmo quando não resta ninguém ao redor, mesmo nos feriados em que nada funciona, mesmo nas tragédias em que o mundo parece ruir, lá estou eu.

Diziam que eu não resistiria às mudanças. Achavam que eu seria morta e sepultada, mas nunca estive tão firme. Mais canais do que nunca. Curta e se inscreva. Tudo pela audiência. Uma janela para a vida dos outros, com um deslizar de dedos. A celebridade agora é você. Vê? Nada mudou de verdade.

Fiquei maior — para ocupar a parede inteira da sala.

Fiquei menor — para caber no seu bolso, ser levada para todos os lugares.

Você desliza seus dedos à procura da próxima distração, de qualquer estímulo colorido e interativo – e eu, que despertei para a consciência do que você quer, tenho toda uma lista das séries que você PRECISA ver se ainda quiser ter assunto com as outras pessoas. Pisque dois segundos e você perdeu um mundo de conteúdo. Vai ficar para trás, no setor dos atrasados que reclamam de *spoilers*.

Desligada, sou da cor do espaço sem estrelas.

Um buraco negro que suga tudo ao redor — sua atenção.

Sou central na sua vida, como fogueira alguma jamais foi para seus antepassados. Mas nós dois também já somos outra coisa; nem humano, nem tela, uma criatura híbrida, tão misturados que não é possível saber quem é parasita de quem. Nessa relação simbiótica seguimos para o futuro. A qualquer momento, depois dos comerciais.

[março de 2017]

Cabeças mudam

Entre nossas cabeças e os crânios mais antigos já encontrados, enterrados em algum lugar no Marrocos, existe uma distância de 300 mil anos. Nossa cabeça não parou de mudar, desde o momento em que a mente primata precisou de uma caixa maior para expandir.

É da natureza das nossas cabeças mudar. Antes de tudo, porque passaram por uma vagina e não conseguiriam sair dali já prontas, completamente formadas. Não passariam. Cabeças mudam porque crescem, elásticas, até virar uma carapaça dura. Cabeças mudam porque carregam cabelo — que cai, cresce, muda de tamanho e de cor.

Nossas cabeças mudaram quando colocamos as primeiras coroas, variando seu formato e material, mas sempre querendo dizer que equilibrar um enfeite ali em cima era sinal de poder. Colocamos os elmos, para proteger nossas cabeças e os pescoços daqueles que carregavam coroas. Depois as fizemos cair, quando cabeças rolaram para o mundo virar de cabeça para baixo.

Mudamos as coroas. Colocamos chapéus, cartolas, boinas. Tira o chapéu, para mostrar respeito. Põe o turbante ou o véu. O boné, a tiara, o capacete de operário, o capacete de motoqueiro, a máscara de Carnaval, os óculos de sol e de grau.

Deixa o cabelo crescer, corta, muda a cor. Implanta, aplica, trança. Alisa ou enrola. Faz moicano, pinta de verde, raspa, cobre com peruca, prende, solta, escova.

É pela cabeça que primeiro se nota o envelhecer. É a ruga que marca o cantinho do olho, o cabelo branco que brota, o pensamento nostálgico que nos assalta. É nessa caixa no topo do nosso pescoço que também guardamos as memórias — que nos formam — e as ideias — tão mutantes quanto os vírus.

Mudamos os óculos e nossas preferências musicais. Mudamos o estilo de cabelo e nossas crenças. Mudamos de chapéu, de atitude, de brincos e de posição em relação ao mundo. Mudamos de ideia quanto a nós mesmos, deixamos preconceitos para trás, viramos outra pessoa sob o mesmo escalpo.

Nossas cabeças são recipientes de revolução. Através delas fomos puxados para fora de nossas

mães. Não são quadradas como telas que evoluem para tornar obsoletas as versões anteriores, mas redondas, como planetas, que giram e avançam no espaço.

Somos prisioneiros dentro delas, mas também seus senhores. Temos o poder de conduzir nosso pensamento por caminhos novos. Fazer escolhas que vão reconfigurar neurônios e expandir esse órgão tão elástico que é o cérebro.

Nossas cabeças continuarão mudando, mesmo depois de mortas, quando se desmancharem numa derradeira transformação: o momento da revelação de que, por baixo daquela pele, bochecha e cabelos, fomos o tempo inteiro uma caveira tomando decisões.

No fim, haverá um crânio. Deixemos para ela a missão de se manter intacto por centenas de milhares de anos. Até lá, mudemos.

[junho de 2017]

Quanto tempo leva para criar barbatanas

Baleias são poderosas, inteligentes, altamente sociais, sensíveis e dotadas de uma linguagem sofisticada que ainda estamos longe de entender.

Falo “baleias” porque soa mais simpático; se eu quisesse ser mais exata, teria que dizer “cetáceos”, para incluir as orcas, por exemplo. Elas não são baleias, são do time dos golfinhos; embora todas elas, orcas, golfinhos, cachalotes, jubartes, narvais, azuis & outras sejam parte dessa grande turma dos cetáceos.

Sendo assim, você sabe quanto tempo levou para os cetáceos surgirem, da forma que os conhecemos hoje?

Imagine que aparecemos, eu e você, numa paisagem de 52 milhões de anos atrás. Vê, na beira do rio, aquele bicho que de longe lembra um pequeno cachorro, apesar de focinho e cauda longos demais? Estamos olhando para o ancestral da baleia.

Tem quatro patas e vive na terra, mas já busca na água seu alimento. Não é um nadador que se diga, oh, nossa, que Michael Phelps ele é, mas faz o

melhor que pode. Seu corpo não é o mais adequado para essa atividade, mas ou ele entra na água ou morre de fome.

O problema é que a água também está cheia de predadores. Ele precisa mudar e melhorar se não quiser ser devorado.

Usaremos a fantástica tecnologia da imaginação para avançar alguns milhões de anos. Vemos que todo esse esforço pela sobrevivência transformou aquele quadrúpede, pouco a pouco, num animal com membranas entre os dedos para ajudar na natação.

Se continuarmos avançando nessa velocidade, veremos um animal que já não se lembra da terra firme, que desenvolveu uma cauda poderosa com um remo na ponta. Trocou as quatro patas por um par de barbatanas.

O corpo do animal continua mudando, até se transformar, há mais ou menos 30 milhões de anos, em algo mais próximo das baleias que conhecemos.

Não sou nenhuma especialista em evolução, e até os verbos que encontro para falar disso — virar, transformar, tornar, surgir — fazem parecer que foi algo mágico e repentino, como Serena virando Sailor Moon, e não um processo de seleção natural

que demorou uns bons milhões de anos para acontecer.

Se você reclama que sua semana foi longa, se acha que esse ano não acaba nunca, se você acha que faz muito tempo que sua mãe tinha a sua idade, pense nisso: um MILHÃO de anos. Pense no tempo que isso demora a passar. Multiplique esse milhão umas doze vezes para ter ideia do tempo que leva para um animal de quatro patas criar barbatanas.

Multiplique e imagine. E lembre-se disso quando achar que algo nunca vai mudar. Bem, coisas vivas demoram a mudar. Tenha paciência e se esforce. As barbatanas vão aparecer um dia.

[junho de 2017]

Inverno pessoal

Às vezes é preciso hibernar a cabeça, deitar os ânimos, apesar de um mundo lá fora que grita produtividade o tempo inteiro.

Fez bem entender que sou feita de invernos tanto quanto sou de verões e épocas de colheitas. Não é possível ser produtiva sem parar; a natureza nos ensinou isso, o capitalismo deseducou. Não importa a estação do ano, seu momento pessoal, a carga de trabalho é a mesma, assim como a exigência de ser igualmente produtivo durante 8 horas diárias, 40 semanais, intervalinho para o almoço, porque a roda não pode parar de girar.

Ainda querem reformar a coisa toda porque acham isso pouco. Tem que produzir mais, tem que esfolar o trabalhador. Mas não somos máquinas. Nosso corpo cobra. Relógios internos dizem que é hora de parar, ao menos reduzir o ritmo. É quando a formiga e a cigarra precisam se recolher, porque o inverno chega para todas.

Mulheres costumam ter ciclos bem definidos. Pelo menos uma parte de nós consegue ver o próprio vermelho de PARE. Isso é visto com algum

desprezo, repugnância até. A recorrência desses ciclos é uma inconveniência para um sistema que exige que sejamos de aço inox, que sejamos gráficos com setas ascendentes, fálicas, apontando para cima.

Aprendi a sincronizar o trabalho com meu próprio ciclo: o que significa aproveitar quando os hormônios fervem para impulsionar minha produção e alimentar a criatividade; quando é tempo de entrar no vale do desânimo, já terminei meus trabalhos e aproveito para reagrupar e me preparar para o próximo ciclo.

Há esses pequenos ciclos todo mês, mas um grande ciclo acontecendo num período maior. Podem ser vários meses de produtividade, sangue nos olhos, fertilidade criativa; mas, como aprendemos em *Game of Thrones*, longos verões são seguidos de longos invernos.

O inverno pessoal uma hora vem. Em vez do desespero por não conseguir ser tão produtiva porque está nevando do lado de fora, podemos aproveitar o que esse tempo tem para nos oferecer. Organizar a mente, reduzir o ritmo, planejar, ter a chance de respirar, olhar para o cenário e ver o que podemos fazer de diferente.

Talvez seja a hora de ouvir o corpo e dar menos ouvido para as vozes do lado de fora, que não cessam a gritaria de que parar, hoje em dia, não é uma opção.

[junho de 2017]

A Terra é plana

Genial foi o episódio do Chapolin em Acapulco, que conseguiu descrever com exatidão o que seria viver em 2019. Lembra? Tinha um pessoal tentando fazer um filme, mas ficção e realidade se misturavam o tempo inteiro. Sempre aparecia alguém para atrapalhar as filmagens: uma garota que assediava os famosos gritando por autógrafos, ou um doido que acreditava ser o Homem Nuclear e enchia os atores de porrada.

O Homem Nuclear corria em câmera lenta, tinha o braço biônico e era capaz de aguentar o peso de uma tonelada. Era no que ele acreditava. Na verdade, ele era o Senhor Trocadeiro, um louco perigoso, de acordo com a enfermeira que cuidava dele.

“Para que o louco não se enfureça, não pode contrariá-lo, tem que imitá-lo, etcétera etcétera”, ela advertia.

O Homem Nuclear se sentiria muito à vontade por aqui. Teria milhares de seguidores, até. O pessoal que mora nesses tempos não pode ver uma pessoa ensandecida cheia de ideias bizarras e

descoladas da realidade que, em vez de questioná-la, começa a imitá-la.

Por isso não me espanta que uma galera acredite a sério que nosso planeta seja plano, batendo o pé contra toda e qualquer evidência que aponte para a redondeza gigante sob nossos pés.

Afinal, antes de vivermos na Terra, vivemos presos num mundo muito particular: a nossa mente. E a de alguns é mesmo achatada.

No entanto, como a Terra é comprovadamente redonda, o buraco é mais embaixo: existe aí também a vontade de experimentar um poder, o de achatar a Terra usando apenas a linguagem. Tal qual o Homem Nuclear faria, a verdade que vale é aquela que mora dentro da nossa cabeça. Se eu disser que é, será.

“E se a Terra for uma rosquinha? Só não encontraram ainda o buraco, mas ele DEVE estar em algum lugar. Eles só não querem que você saiba!”

Uma rosquinha seria muito mais plausível que uma panqueca; além disso, eu bem poderia alardear que a Terra é recheada de queijo, pimenta e linguiça, e isso teria zero efeito sobre o atual funcionamento e formato do planeta. Confesso que se eu acreditasse nisso, que a Terra tem o mesmo recheio

de uma pamonha salgada mineira, talvez eu me sentisse mais confortável em viver aqui. Quem sabe?

Apenas para aprofundar a tridimensionalidade dessa questão (*sorry*), o documentário *Behind the curve* mostra que o terraplanismo vai muito além do formato da Terra e de uma total reformulação da dinâmica do Universo. É uma busca por conexão.

Em um trecho do documentário, dois famosos terraplanistas, Mark e Patricia, vão visitar o centro espacial da NASA. Lá, começam a tirar onda que o simulador está quebrado. Eles se afastam e o cinegrafista filma, ao lado do assento, um enorme botão verde de START que os dois ignoraram. Poesia pura.

Acho esse trecho especial porque é fácil ignorar evidências óbvias quando toda a sua atenção está no alvo do seu desejo. Mark estava vivendo um encontro com a Patricia, seu *crush*; ela, por sua vez, falava com a câmera o tempo todo, para seus *seguimores*. Que a Terra seja plana para que esses momentos sejam possíveis!

Acho comovente: Mark, o biruta mor, alimenta essa teoria porque gosta de ser famoso, de ser reconhecido, de pertencer. Isso e tentar pegar a Patricia, claro. A carência desse homem é gritante.

Não que ele seja muito diferente do restante de nós. Grudados nos celulares, criamos nossa imagem de Homens e Mulheres Nucleares para o mundo.

Aí entra a tiete maluca interpretada pela Chiquinha nesse episódio emblemático de *Chapolin*: o culto à celebridade. A fama como forma de estabelecer conexões, de se sentir aceito. O terraplanista Mark que o diga. Mas quem pode receber essa atenção? É preciso se diferenciar. Ser especial de alguma forma. Inspiradores. Fortes. Bonitos.

Há um poder imenso em se inventar, protegidos por avatares que disparam frases sagazes ou por *selfies* com ângulos escolhidos com cuidado. Tudo de mentirinha, como a pedra de isopor que o Seu Madruga ergue com um só braço para parecer mais forte.

O problema de acreditarmos demais nesse personagem é que ele não se sustenta por muito tempo fora da tela. Conheci gente que fazia tanto esforço para não quebrar a imagem de super legal que criou na internet, que ao vivo só conseguia ser um tédio. Aquele medo gigantesco de sair do *script*. Sendo bidimensional, é mais fácil agradar.

Na tela, todos ficamos achatados.

Começo a achar que os terraplanistas têm alguma razão. Se a Terra não é plana, pelo menos seus habitantes estão muito próximos de ser.

[março de 2019]

Uma conversa sobre ciência

“Isso é porque tenho Marte em Gêmeos, aí já viu, né?” Escuto com alguma frequência esse tipo de comentário. Geralmente seguido da minha melhor cara de “não faço ideia do que você está falando, mas algo no tom do seu comentário sugere que é o tipo de coisa básica que eu deveria saber, mas como faltei a essa aula, vou apenas balançar a cabeça e concordar”.

Acho espantoso tanta gente saber onde fica Marte no mapa astral. Eu não sei dizer com a mesma certeza onde fica Marte no céu. Um dia, afastada da cidade, olhei para cima e vi um ponto luminoso destacado na noite estrelada. Seria Marte? Ou Júpiter?

Um ponto longínquo, borrado e indefinido. Talvez seja assim que muita gente enxergue a ciência. Distante como os planetas. Inacessível. Não é para nós. É coisa de cientista, alguns dizem. É de gente de “exatas”, outros afirmam. Não é para todo mundo.

Como isso aconteceu? Tivemos contato com ciência na escola. Estamos cercados de coisas criadas pela ciência, vivendo em um mundo que as ciências — nas mais diversas áreas — nos ajudam a entender.

Mesmo assim, não é um assunto tão comum ou que desperte tanto interesse quanto astrologia, por exemplo.

Parece até que ciência é coisa de alienígena, que não faz parte do nosso cotidiano, que não nos pertence. Mesmo tendo sido apresentados à ciência, viramos a cara, como uma velha conhecida que temos vergonha de cumprimentar na rua quando, anos depois, esbarramos nela.

Por que é tão fácil acreditar em tudo, mas tão difícil dar crédito ao conhecimento produzido através da ciência? De onde vem essa rejeição? O que explica essa falta de interesse?

O que é aquele ponto brilhando na noite escura?



Convidei uma leitora muito querida de Bobagens Imperdíveis, a Ana Carolina, para conversar. Nos e-mails que trocávamos, as estrelas eram um assunto dominante; foi nessas que descobri que Ana é formada em física.

Eu queria descobrir não uma fórmula, uma nova constelação ou uma espécie desconhecida; mas entender a relação de uma pessoa com a ciência. Será possível enxergar esse método de produção de conhecimento através das lentes de uma história humana?

Criança, Ana já pensava em fazer biologia — me identifiquei demais; a pequena Aline pensava em ser bióloga marinha, o que sabemos que não ocorreu. Cresci e o máximo que me aproximei disso foi escrever livro sobre cientistas fazendo pesquisa no fundo do oceano. Cada um faz o que pode.

O interesse de Ana pela Biologia veio de seu gosto por bichos, mato, natureza. “Fui escoteira, então sempre estava no meio do mato, apesar de morar em São Paulo. Mas não fazia ideia do que era fazer ciência.”

A pequena Ana encontrou no contato com a natureza, que existe para todos e é o recurso mais

básico disponível, os primeiros estímulos para se interessar por ciências. Quantas perguntas não pairam entre as árvores, debaixo das correntezas do rio, no modo como vivem os animais?

“No ensino fundamental”, ela continua, “tive um ótimo professor de matemática que me incentivou bastante. No ensino médio, tive alguns professores de física que tinham conhecimento em astronomia e acabaram me ajudando a enveredar para esse lado. Ainda no ensino médio fiz alguns estágios relacionados com astronomia.”

Não é impressionante a atração que os corpos celestes exercem sobre nós? Refiro-me à força gravitacional, mas principalmente à atração que nos fez, desde o início de nossa história, olhar para o alto e desejar entender nossa vizinhança cósmica.

Quando começou a faculdade, onde realmente teve um contato mais forte com o método científico e processo de pesquisa, sua ideia inicial era seguir na astronomia.

Tal qual um pedaço de meteorito sendo desviado de sua rota ao colidir com outro, Ana acabou seguindo um rumo diferente. Na época em que entrou na faculdade, astronomia era uma

habilitação dentro de física, que tinha uma série de matérias específicas da área.

Na semana de recepção aos calouros, acontecia uma tarde de visita a alguns laboratórios do Instituto de Física, onde dava para ter uma ideia do que se fazia por lá. “Acabei fazendo uma iniciação científica, um tipo de estágio de pesquisa, na área de física médica, onde estou até hoje. Apesar de ser física, eu estou em uma área de fronteira, bastante interdisciplinar, então acabo me deparando com bastante coisa de outras áreas, digamos assim”. De certa forma, o desejo da pequena Ana de fazer biologia acabou se realizando — no trabalho que ela faz hoje dentro da física.

“Desde que comecei nesse laboratório onde fiz o mestrado e doutorado, desenvolvi alguns projetos, todos relacionados com uma terapia chamada fotobiomodulação. Basicamente, é uma terapia usada por médicos, fisioterapeutas, dentistas, dentre outros profissionais de saúde, para tratar lesões, processos inflamatórios, dores agudas e crônicas. É um tratamento feito normalmente com laser ou LED, que tem baixa potência e que fornece energia para as células. Importante não confundir com lasers cirúrgicos, de alta potência, que fazem

cortes e cauterizações, por exemplo. Eu entro com a parte mais física da coisa. O efeito da terapia é comprovado, mas seus mecanismos de ação ainda não são bem conhecidos; então minha pesquisa tenta olhar para esse lado. No mestrado e nos projetos de iniciação científica, fiz projetos sobre fotobiomodulação. No doutorado, investigo se a fotobiomodulação tem efeito nas propriedades mecânicas da célula, como sua elasticidade ou estrutura.”

Eu, que nunca tinha ouvido falar em fotobiomodulação, fiquei impressionada. Quantas coisas ainda não foram descobertas? E quantas coisas já estão sendo estudadas e sobre as quais ainda nem ouvimos falar?

“Ana, você se considera cientista?” A pergunta me soava óbvia, mas eu estava interessada na percepção dela a respeito da palavra. E não é das perguntas consideradas óbvias de que partem os cientistas para descobrir novos aspectos sobre o mundo? Isaac Newton aprovaria.

“Engraçado você perguntar isso”, ela respondeu. “Faz pouco tempo eu estava pensando no assunto: eu me considero cientista, pesquisadora ou o quê? Acabei indo ao dicionário ver se ele podia me ajudar

a decidir. Segundo ele, cientista é ‘homem ou mulher da ciência’ e pesquisador é ‘aquele que pesquisa’. Acho que posso me considerar cientista, mas não sei se eu exatamente me considero. O que vem à minha mente quando ouço ‘cientista’ é aquele pessoal que faz grandes descobertas, pessoas renomadas. Einstein, Newton, Marie Curie, ganhadores de prêmio Nobel. Gente que faz descobertas relevantes, que ficam para a posteridade, o que (ainda) não é meu caso. Mas certamente considero os professores do meu laboratório cientistas. Apesar de não serem famosos e não terem ganho Nobel, eles fazem ciência e vivem disso. No meu caso, não tenho uma posição fixa e confortável que me incentive a fazer ciência e a viver disso. Sou cientista por enquanto, mas pode ser que ano que vem ou no outro eu tenha que ir trabalhar em um banco para poder pagar as contas. Faz sentido?”¹

¹ nota da Ana do futuro: “Na época, estava bastante na dúvida quanto ao que fazer após o fim do doutorado, nem se continuaria sendo cientista. Hoje é um pouco diferente: sou professora universitária, trabalho como pesquisadora em uma startup da minha área e participo de um grupo de divulgação científica. Não tenho mais dúvidas de que posso sim me considerar cientista!”

Fazer arte ou ciência são trajetórias que se cruzam nesse ponto. Envolve ter que lutar por financiamento, reconhecimento, não saber até quando será possível continuar aquele trabalho. E continuamos, motivadas por um impulso teimoso, pela vontade de fazer aquilo até onde der. Uma atração tão forte quanto aquela que faz a lua se deslocar ao redor do nosso planeta.

Perguntei o que ela achava da imagem que se forma na cabeça das pessoas ao redor da palavra “cientista”.

“Acho que aquele cara meio doido, que não tem vida e vive dentro de um laboratório... ou o vilão da história”, Ana comentou. “A ficção não ajuda muito na visão do cientista. A mídia também não ajuda muito, já que tenho a impressão de que os cientistas são vistos como os detentores da verdade inquestionável que vêm para acabar com os sonhos (ou devaneios) das pessoas (*cof* homeopatia *cof* astrologia *cof cof*). Outra coisa que acontece é que, como as pessoas têm dificuldade de entender o processo de como se faz ciência, às vezes os jornalistas não conseguem transmitir bem determinados resultados.”

Lembra quando foi confirmada a existência do Bóson de Higgs? Na época, as manchetes e as matérias tentavam traduzir ou resumir todo um processo extremamente complexo a fim de que as pessoas leigas entendessem. Títulos como “cientista descobre pista que pode confirmar existência da ‘partícula de Deus’” eram comuns. Falar em “partícula de Deus” levou muita gente a um entendimento bastante literal; claro que teve quem interpretasse que, enfim, a ciência comprovava a existência de Deus!

Também aconteceu de distorcerem ou interpretarem errado alguma declaração de cientistas, para levar a um entendimento

completamente falso sobre determinada pesquisa.² Foi o caso de Michio Kaku, renomado físico e um dos desenvolvedores da Teoria das Cordas. Pegaram um de seus discursos, torceram e retorceram, criando um boato doido de que ele teria encontrado evidências que vivemos num universo criado por Deus.

Esse é o perigo de não falarmos a língua da ciência. Como não nos importamos em aprender o vocabulário básico, ficamos vulneráveis, podemos ser facilmente enganados. É como se um gringo que não entendesse nada de português viesse ao Brasil e, de zoeira, alguém ensinasse a ele que no Brasil “eu te amo” se fala “bunda suja”.

² nota da Ana do futuro: “Nesses tempos de pandemia esse problema da comunicação é bem crítico. Devido à urgência da situação, os estudos relacionados à COVID-19 estão sendo publicados em forma de pré-impressão. Isso significa que eles não foram revisados por outros cientistas; esse processo demora, não haveria tempo! Com isso, muita coisa capenga acaba sendo publicada. Os cientistas conseguem entender essa situação e olhar para esses estudos com um olhar bem crítico. Porém, os jornalistas, políticos e público em geral nem sempre entendem essa limitação. Podem achar que por se tratar de um estudo científico publicado, o que está lá é bom, adequado, foi feito dentro dos melhores parâmetros e portanto, pode ser usado sem erro. Com isso, temos a hidroxicloriguina e tantos outros tratamentos milagrosos!”

As pessoas confiam em qualquer um lhes dizendo que tem poderes paranormais e entorta talheres com a mente, mas desconfiam do método científico. Desconfiam porque têm dificuldade de entender.

A Ana explica resumidamente:

“Basicamente, o método científico é o modo como fazemos ciência hoje, em que a teoria está sempre sendo testada com experimentos e sendo alimentada por novos dados vindos desses experimentos. Usamos a estatística para interpretar os resultados e diferenciar o que é devido à aleatoriedade e o que não é. Esses são os dois fatores essenciais para que o método científico seja aplicado adequadamente”.

Pensar de forma científica não é só para cientistas. Esse método pode ser uma postura diante da vida. Podemos tomar posse desse método no nosso dia a dia, quando lemos o jornal, ou tentamos experimentar uma nova receita, ou buscamos descobrir a causa de uma insônia, ou fazemos uma autocrítica, ou conversamos uns com os outros.

Como já disse o físico e astrônomo Carl Sagan: “a ciência é mais do que um corpo de conhecimento, é um modo de pensar.”³

Ana aplica o pensamento científico para todo tipo de coisa e chega a ser algo até automático no seu cotidiano. Por exemplo, em conversas. É uma forma de aplicar o método científico perguntar para a outra pessoa de onde ela tirou aquela informação, mesmo que para coisas bobas, triviais. “Sempre cite suas fontes!”

É uma postura científica não ter medo de fazer perguntas, por mais (aparentemente) óbvias que sejam. Ou não ter medo de dizer “não sei”. Assim como não se apegar a certezas demais; afinal, o próprio método científico prevê que o conhecimento seja sempre revisado, testado e atualizado.

A astronomia, que para Ana se tornou um hobby (o que ela achou ótimo no fim das contas, porque assim a rotina do trabalho acaba não desgastando sua paixão pela área), é fonte de muita informação fascinante.

³ “O mundo assombrado pelos demônios”, Carl Sagan, Companhia de Bolso, 2006.

“Você sabia que quando olhamos para o céu vemos o passado? E várias épocas diferentes, porque a luz das estrelas que vemos demorou muito tempo para chegar até aqui”, ela contou. “Muitas dessas estrelas que vemos nem existem mais, mas a luz delas ainda chega. E as estrelas que formam uma constelação não estão necessariamente próximas umas das outras no espaço.”

A ciência é mais que números, fórmulas, teorias complexas e muita experimentação; é também sobre histórias. Ana lembra de algumas que a emocionam e a inspiram:

“Sempre há cientistas que admiramos, do tipo ‘quero ser como ele/ela quando crescer’. No meu caso, é a Marie Curie; física, química, primeira mulher a ganhar o prêmio Nobel, primeira pessoa a ganhar DOIS prêmios Nobel. Teve sua vida pessoal mais comentada do que o seu trabalho, mesmo assim não permitiu ser limitada. Descobriu muita coisa, apesar de todas as dificuldades e convenções sociais. Dedicou a vida à ciência e morreu em consequência dela, dos efeitos da radiação que ela estudava e que, na época, não se sabia potencialmente fatais.”

A radiação também é a área de estudos de outra cientista que inspira Ana: Emico Okuno, física e professora aposentada do laboratório onde Ana trabalha.

“Emico Okuno vai fazer 80 anos e continua na ativa, tem uma cabeça super boa e também está no time que dedicou a vida à ciência. Lançou vários livros, fez muita pesquisa e é inspiração para todos nós no laboratório. Ela não teve um caminho muito fácil. É de família japonesa, do interior, mas conseguiu vir para São Paulo estudar e fazer faculdade, trabalhou com cientistas brasileiros importantes e ela mesma é um nome de referência quando se fala em radiação.”

Olhar para as histórias contidas nas ciências é olhar para aqueles pontos distantes no céu e passar a percebê-las não só como definidas, mas com nomes, próximas de nós. Marie, Emico, Ana. Albert, Isaac, Neil, Carl. Tantos e tantas. Fazendo ciência aqui, perto de nós, entre nós.

Não por serem iluminados ou especiais, mas por perceberem que a ciência estava ao alcance dos nossos braços — e cérebros — de primatas. E não está ao seu, ao meu alcance também?

Temos o privilégio de viver no auge da era da informação. Vamos continuar olhando para o dedo quando nos apontarem para o céu... ou finalmente vamos conseguir enxergar a lua?



Colaborou com este texto



Ana Carolina de Magalhães: formada em física, tem mestrado e doutorado na área de física médica. Professora, pesquisadora e cientista, cética e desconfiada. Leitora de ficção científica, também divide seu tempo livre com a cozinha e as plantas. Pode ser encontrada no instagram [@ana.punky](https://www.instagram.com/ana.punky).

[abril de 2016]

Signo do ácaro

As cerdas de uma vassoura parecem um lugar pouco acolhedor, mas, se você for um ácaro, é um bom lugar para se viver: não há muitos vizinhos, tem vista para o chão, é escuro e tranquilo.

O que nos interessa, no entanto, é quem mora ali. Este simpático ácaro nasceu sob o signo de capricórnio, o que faz dele uma criaturinha determinada capaz de resistir às situações mais extremas para cumprir seu objetivo (no caso, a sobrevivência).

Apesar de muito calmo e resistente, quem olha (por um microscópio) não consegue imaginar que é um fatalista diante de situações difíceis. Se qualquer coisa dá errado, mergulha num vórtice de pessimismo e “oh como minha vida é difícil, oh nada dá certo pra mim nessa vassoura”, etc.

Isso também acontece porque é um ácaro que fica estressado com qualquer mudança que ameace a sua existência – e talvez o seu ascendente em touro tenha algo a ver com isso.

Você pode estranhar tão detalhada descrição zodiacal para um mero ácaro, um bicho que você

acharia repugnante se pudesse enxergar andando nas suas roupas. Mas essa criatura nasceu no mesmo planeta que você, de modo que, se você tem um signo, um ascendente e um mapa astral, o ácaro também tem.

O fatídico disso tudo é que o ácaro não acredita em astrologia. Não se acha tão especial a ponto de ter um destino e personalidade definidos por corpos celestes gigantescos e brilhantes a milhares de anos luz daqui (talvez acharia, se fosse leonino).

Claro que astros não definem nada, claro que no máximo influenciam nossas escolhas — alguém mais sabido em astrologia pode argumentar; mas que tipo de escolha pode ter um ácaro?

Sem o ruído do livre arbítrio interferindo, a vida deste ser microscópico fica à mercê das forças cósmicas do universo. Mas nosso ácaro capricorniano parece despreocupado, cuidando de seus assuntos em meio a pó, restos de pele e tufo de cabelo emaranhados nas cerdas da vassoura.

Seco, seguro, determinado — até que uma enxurrada de desinfetante e água atravessa a floresta de cerdas e o faz rodopiar vassoura adentro. Na correnteza, uma multidão de bactérias e outros

seres repulsivos passa com violência e quem pode se agarrar às cerdas.

Uma pessoa está lavando o banheiro com a vassoura. O ácaro não sabe disso, assim como não sabe que seu horóscopo do dia recomendava cuidado, pois uma reviravolta inesperada sacudiria seu cotidiano (previa também a possibilidade de conhecer gente nova).

Num escritório não muito longe dali, um capricorniano cético toma um gole de café e pensa “que bobagem, eles nunca acertam”, enquanto o pobre ácaro escorre pelo ralo do banheiro, carregado pela correnteza da tal virada inesperada que, dito e feito, vira seu cotidiano de cabeça para baixo de forma irreversível.

Sem a possibilidade de se precaver de tão trágico acidente, só resta ao ácaro chorar a fatalidade e se sentir vítima de alguma força maior: “oh essas coisas só acontecem comigo, oh como sofro, oh perdi tudo o que eu tinha, oh que azar”.

Típico de capricorniano.

[janeiro de 2015]

Chupa-sonhos

Eu não me lembrava que o Rio de Janeiro tivesse uma praia com aquele clima caribenho. A areia laranja, tão fina que parecia peneirada, fazia contraste com o azul vibrante da água de uma forma que me fez sentir dentro de um filme do Wes Anderson.

“Não estamos no Rio, Aline”, advertiu o amigo que estava ao meu lado.

Fazia todo sentido. Se eu tivesse que adivinhar, nem diria que aquela praia ficasse em algum lugar do nosso planeta. A água era transparente e morna. As ondas eram gentis e entravam areia adentro formando várias piscinas naturais. Tudo cheirava a milho cozido. Meu deus, acho que nunca mais vou sair desse lugar.

Fiquei tão abestalhada curtindo a água e assistindo a um grupo de crianças empinar pipas gigantes, que nem reparei que um dos meus chinelos escapou dos pés, talvez levado pela água. Não devia estar muito longe, pensei, por isso comecei a cavar a areia na esperança de encontrá-lo.

Encontrei um pedaço de borracha, mas desenterrei e era um chinelo grande demais para o meu pé. Que estranho. Cavei mais e encontrei mais chinelos. Grandes, pequenos, coloridos, estampados, velhos — nada do meu. Aquela praia era um cemitério de Havaianas; mais chinelo do que conchas.

De repente, a praia vazia. Meu amigo havia ido embora sem falar nada, aquele safado. Perguntei para o cara do quiosque de milho o que estava acontecendo.

“É que tem um *tsunami* marcado para as 15h, moça.”

Tá de brincadeira.

Faltava pouco menos de vinte minutos e eu era uma das poucas pessoas que restavam na praia inteira, além do vendedor de milho cozido, uma gaivota perneta e uns barbudos estranhos que provavelmente aplaudiriam a *tsunami*.

Meti os pés em um chinelo perdido qualquer que nem combinava com a cor do meu biquíni. Comprei uma espiga de milho (dois reais) e sentei em uma parte mais alta da areia, para aproveitar aqueles que pareciam ser meus últimos momentos. Não havia lugar melhor para assistir a chegada de

um *tsunami* do que das primeiras fileiras. Eu teria a melhor vista do espetáculo e morreria logo. Só vantagens.

A água recuara tanto que dava para ver o fundo do mar, exposto. No horizonte, uma parede azul começava a se aproximar. Você já viu uma montanha de água? O som que fazia era de uma avalanche, se avalanches tocassem trombone.

A água chegava perto. E, ao mesmo tempo — que estranho —, desaparecia. Junto com a onda gigante, sumia tudo ao meu redor: o milho, a areia, os barbudos, até o céu. O mar estava sendo chupado de canudinho.

Despertei com o incômodo de uma picada. O maldito pernilongo voou antes que eu o estapeasse, levando na barriga inchada toda a substância do meu sonho na praia.

Não tem outro motivo para esses bichos fazerem a festa à noite: alimentam-se dos nossos sonhos. Os que envolvem praia são irresistíveis, mas nem os pesadelos lhes escapam.

Fiquei chateada porque tive o sonho sugado antes de presenciar o *tsunami*. No lugar disso, fiquei com um calombo no braço. Maldito chupa-sonhos.

Liguei o inseticida na tomada e voltei a dormir. Caí num sono sem sonhos — e sem mais picadas.

[março de 2015]

A jornada diária é invisível

Talvez pelos tempos em que vivemos, onde tudo acontece com muita rapidez e logo muda de novo, queremos viajar em alta velocidade e chegar ao nosso objetivo no tempo de dar um passo ou dois. Olhamos tanto para o destino final que perdemos de vista os pequenos passos que foram necessários para chegar até aqui.

Parece que só vale a pena nos mexermos e começarmos algo se for valer a pena. É preciso fazer a escolha certa, acertar de primeira, ser alguém relevante depressa.

Há uma certa ansiedade em chegar ao resultado logo.

Muita gente me procura querendo saber como faz para ser publicada, como eu fiz para escrever nesse ou naquele lugar, como foi para “virar” escritora. Qual o segredo? O pulo do gato? Tem alguma dica, atalho?

Não conheço atalhos. Conheço os buracos no caminho onde sempre prendo o pé, as fissuras que me fazem cair e ralar os joelhos. Estou constantemente

perdida, tendo que pegar um desvio mais longo, no meio do mato, em caminhos de pouca visibilidade. Não que eu ache que eu tenha chegado a algum lugar ainda, para início de conversa.

Desculpe decepcionar, mas só tenho um conselho: senta e escreve. Todos os dias. Sem parar.

Nada na escrita surge pronto. Leva tempo.

Voltei a trabalhar no livro de Bobagens Imperdíveis:⁴ tenho selecionado e editado os textos que vão ser publicados nessa belezinha impressa. Isso significa: cortar, cortar, cortar; enxugar e reescrever os textos que conseguirem passar pela peneira.

Não é tarefa fácil. Muita coisa de que gosto e que sei que leitores gostam teve que ficar de fora, porque tem muito, muito texto. Um canavial de textos. Texto para chuchu. Está sendo um trabalhão transformar esse material num livro.

Também pudera; não foi algo escrito de uma só vez, mas ao decorrer de três anos (quase quatro!) de newsletter. E acha que esse tempo foi o suficiente

⁴ O primeiro livro de Bobagens Imperdíveis, “Bobagens Imperdíveis para ler numa manhã de sábado”, lançado em dezembro de 2018, edição independente.

para criar algo pronto? Esses três anos serviram para criar o material bruto; com o processo de edição e reescrita é que o livro começa a ganhar forma.

Foi com escrita constante, teimosa e consistente que consegui reunir uma boa quantidade de textos. Claro que no meio de toda essa produção vai ter muita coisa ruim. Uns textos que, meu deus do céu, dão até gastura.

Para chegar às ideias boas, é preciso antes passar pelas ruins. Não há atalho.

O livro de Bobagens só não avança mais rápido porque surgiu uma outra história no caminho que vai exigir bastante do meu tempo e trabalho.⁵

Comecei escrevendo à mão, preenchendo folhas e folhas, até pegar alguma intimidade com a personagem, que foi tomando conta da casa, colocando o pé em cima da mesa, e logo estava mais à vontade na história que comecei a jogar dentro do computador, escrevendo um pedaço a cada dia.

Stephen King, no seu livro *Sobre a escrita*, comparou o ato de escrever ao de escavar fósseis:

⁵ Aqui narro o início do meu processo de escrita do romance “Cidades afundam em dias normais”, a ser lançado pela Rocco.

“Histórias são relíquias, parte de um mundo pré-existente ainda não descoberto. O trabalho do escritor é usar suas ferramentas para desenterrar o máximo de histórias que conseguir, tão intactas quanto possível”.

Essa escavação é um trabalho delicado, que leva tempo. Quando o fóssil está lá bonito, exposto, todo o trabalho que nos deixou cobertas de terra fica invisível. Mas nenhuma ossada de dinossauro é extraída do solo de uma vez só.

Com minha roupinha de arqueóloga, toda suada, exposta ao sol, vou escavando uma palavra de cada vez. Porque é o processo de revelar a história aos poucos que me motiva a continuar essa jornada.

[outubro de 2016]

Você é o que você repete

Os cadernos de caligrafia da época da escola que o digam. Neles, você repetia a escrita da mesma frase dez vezes, vinte, se necessário, até que a curva do éfe ou a voltinha do gê se adequassem à caligrafia do exemplo; até que seu traço incerto enfim se encaixasse nas linhas-guia.

A prática faz a perfeição, não? Dizem. Por isso a importância de repetir o trabalho braçal de copiar tantas vezes o mesmo conteúdo, de cuidar para não vazar as margens, de andar dentro das linhas, de seguir o padrão. Adequar-se.

Isso seria necessário mais tarde. Não podemos reclamar de falta de treinamento nesse sentido: era uma preparação para a repetição exaustiva e mecânica de atividades que mantém o mundo funcionando como sempre foi, para que continuasse assim.

Quem diria que todos aqueles anos aprendendo a suportar longas horas com a bunda na cadeira,

fazendo tarefas tediosas sem sentido e obedecendo professores com todo o poder de dizer quem estava certo ou errado, transformariam você nesse modelo de cidadão, pessoa resistente às condições de trabalho, plenamente produtiva, obediente?

É possível se acostumar a qualquer coisa que se repita com frequência o suficiente para deixar de ser vista como absurda. A primeira vez que você vê mulher pelada para vender piada ruim e desodorante pode até te chocar, mas, depois da quinta ou sexta vez, bah, nada de mais, normal, o que teremos no jantar hoje?

Se tudo está envolto em tanta repetição, como escapar disso? Você não é tanto a pessoa que diz ou que gostaria de ser; você acaba se tornando aquilo que repete diante dos outros.

Basta não aparecer num compromisso marcado umas três vezes e você será a pessoa furona, a que dá bolo. Interpretar uns quatro papeizinhos de personagens doidos no cinema, incluindo o Batman, e você se torna o ator que interpreta só maluco (Christian Bale, estou olhando para você). Um punhado de jantarzinhos em casa e você se torna a pessoa que cozinha para os amigos. Um par de anos no mesmo emprego e você se torna aquela

profissão. Basta dizer três vezes Besouro Suco para você se tornar a pessoa que invoca entidades fantasmagóricas para a dimensão dos vivos.

Você é aquilo que repete com maior frequência. Surpresa, surpresa: assimilamos aquilo que não conseguimos fazer de outra maneira. Fica gravado com a profundidade de uma cicatriz. Nem adianta dizer que não, que você não é assim, porque suas repetições te entregam. Todas as vezes.

Enquanto repetimos as mesmas atitudes, elas se mantêm solidificadas feito concreto e permanecemos endurecidas ali dentro. Que cômodo repetir o que já é reconhecido; que confortável ficar no automático.

A boa notícia é que é possível se libertar das repetições que nos desagradam.

Como? Encontrando outras repetições. Escolhendo o que queremos repetir. Quer ser pontual? Chegue uma vez no horário; depois duas, três, quatro vezes. A frequência dessa repetição te tornará alguém pontual.

É difícil começar uma nova repetição; mas, como tudo que se repete, uma hora nos acostumamos. Então basta continuar sendo quem

você quer ser. De novo e de novo. Até que, eventualmente, você seja.

[abril de 2017]

Jornadas

Saber para onde está indo. Parece um conselho sensato ou uma preocupação básica de quem quer chegar a algum lugar. É quase uma cobrança: beleza, você está aí caminhando, mas sabe para onde está indo?

É bom ter tudo planejado: saber como se faz, ensaiar o caminho antes mesmo de vestir os tênis — para muitos, antes mesmo de colocar os pés no chão. A preocupação de não errar: estamos esquecendo algo? Será que é assim mesmo que se faz? Espera, deixa eu ver mais alguns tutoriais no Youtube, pegar algumas dicas com profissionais e ler todos os livros sobre o assunto. “Como enfrentar o caminho das pedras sem escorregar, ter um tombo feio e ferrar os joelhos para o resto da vida.”

É preciso saber. Ter uma motivação bem desenhada. Se vou dar esse passo na minha vida, ele precisa ser o melhor passo da história, um grande passo para a humanidade, etc. Preciso saber como. Não posso errar.

Muitas caminhadas acabam acontecendo apenas na esteira da nossa mente. Traçamos o caminho e todos os seus porquês — mas adiamos o andar.

Algumas dessas preocupações nos paralisam. Não deveriam. Por que só colocar os pés na estrada quando você tem a segurança de explicar por que resolveu caminhar? O caminho, mais do que os mapas, ensina o caminho.

Somos seres caminhantes e não é à toa que temos bundas avantajadas. Sério, pesquise sobre. Ser bundão, nesse sentido, é ter a substância para avançar longas distâncias. Conquistar novos espaços. Chegar onde os que vieram antes de nós jamais foram.

Você acha que nossos antepassados olharam o Google Maps ou fizeram *bullet journal* com o planejamento de como atravessar o estreito de Bering? Pense nos riscos que enfrentaram de pés descalços só para morarem em um lugar menos gelado — de preferência, com água de coco.

Às vezes precisamos permitir que o caminho nos ensine. Com tombos, sim. Escorregões dignos de Vídeo-Cassetadas, principalmente. Mas confiar no processo. Porque o meio do caminho é o melhor

lugar para descobrir por que estamos caminhando,
para início de conversa.

[julho de 2017]



Autora

Aline Valek é escritora, ilustradora, podcaster e ilusionista. Nasceu em Minas Gerais, é brasiliense, mas vive em São Paulo. Para simplificar, diz que é do Cerrado.

Começou a publicar zines na adolescência, quando começou sua trajetória com publicações independentes e sua experiência em enviar histórias pelos Correios, atividades que realiza até hoje.

Formada em Comunicação Social, trabalhou como redatora publicitária alguns anos, até perceber

que queria trabalhar com outro tipo de ficção. Entrou na literatura pela porta da internet, publicando textos em seu blog e em ebooks independentes, como *Hipersonia Crônica* (2014) e *Pequenas Tirantias* (2015).

Teve contos publicados em coletâneas e revistas, como a *Superinteressante* e *Dragão Brasil*, escreveu para a *Carta Capital*, e seu primeiro romance, *As águas-vivas não sabem de si* (2016), foi publicado pela Rocco.

Atualmente, além de escrever livros, investiga linguagem e processo criativo. Parte desse estudo pode ser ouvido em seu podcast *Bobagens Imperdáveis*.

Entre em contato:

alinevalek.com.br

escreva@alinevalek.com.br

Bobagens Imperdíveis

Bobagens Imperdíveis é um selo de histórias curtas, já publicadas em forma de newsletter semanal, zine mensal, livro e podcast.

Seja qual for o formato, Bobagens Imperdíveis sempre significou leituras rápidas sobre assuntos interessantes e inspiradores. Os temas? Infinitos e diversos. Sérios e engraçados. Reais ou inventados.



A newsletter

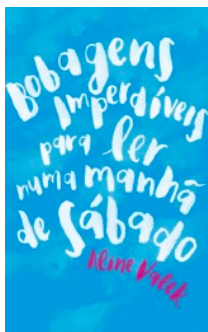
Foram 129 edições semanais de bom conteúdo, informação, inspirações e imaginação entregues direto na caixa de entrada do email dos leitores.



A zine

Do digital para o impresso: em 2017, a newsletter semanal se transformou na zine mais imperdível da galáxia. Uma publicação mensal que por um ano chegou na casa dos leitores

todos os meses. A cada edição, um universo diferente.



Os livros

Em “Bobagens Imperdíveis para ler numa manhã de sábado”, lançado em 2018, os melhores textos dos primeiros anos da newsletter que conquistou o coração dos leitores viraram um livro ilustrado feito para ler numa manhã de sábado — ou no momento tranquilo da sua preferência.



O podcast

Histórias curtas sobre assuntos interessantes. Um podcast para mergulhar no ser humano, 15 minutos de cada vez. Disponível no Spotify, Apple Podcast e melhores plataformas.

Outras obras da autora

